

O VIGILANTE

Anno I | Órgão critico e litterario | Num. 3

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

Publicação semanal

Assig. por mês 200.r.s Desterro—Domingo 4 de Setembro de 1887

3

Pagamento adiantado

AVISO

Toda a correspondência pode ser dirigida à praça Barão da Laguna n.º 7

Número acúlso 60 reis.

O cultivo das letras

Dissipar as densas trevas da ignorância, esclarecer a razão e cultivar a intelligença esse dom su blime emanando da Divindade, é a gloriosa tarefa do homem sobre a terra.

O homem não pode ser feliz, não pode viver n'um mundo explendido de lozes e de harmonias e caminhar de fronte erguida na senda do progresso e da civilisação, sem ter primeiramente envidado todos os esforços á seu alcance para preencher essa tarefa.

A intelligença humana não pode conseguir explendidas e gloriosas victorias e conhecer sublimes pensamentos, sem ser cultivada, porque ella é como o diamante que só tem fulgor depois de ser lapidado.

Trabalhar cultivando com afeto as nossas aehabilidades intelligenças, para que mais tarde dodessem ellas abrir suas azas e alar sens vô os defensor no azulado espaço da scien- cia, foi na verdade, a ardente aspiração que sempre alimentámos em nossos corações, e si assim não fôr, não tinhamos criado o orgão dos nossos pensamentos, que ainda não respiram os magicos perfumes das flores

da ilustração.

A estrela que percorremos achasse classificada de cardos e espinhos, mas não nos importa, continuemos sempre porque é nosso mais vehementemente desejo que nosso trabalho attinga ao topo da perfectibilidade e desposite no horizonte de nossa cara pátria a aurora de nossa regeneração intellectual.

A esperança essa filha do céo, esse anjo de candura, azes guia nossos debeis e valentes passos na senda que trilhamos e temos o sol glorioso da inspiração illuminando com seus brillantes raios as nossas frontes jovens.

Liberdade

Não vemos uma these mais importante para ser discutida do que a Liberdade.

A liberdade é a confraternização de todas as raças de todos os homens e, por consequente de todas as classes.

Nós, que somos brasileiros, que amamos a nossa liberdade como os passros amam o ar, não podemos ver homens, nossos irmãos, presos pelos pesados grilhões da Escravidão.

Escravidão! desaparece para sempre dentro nós para que então possamos encarar o facho brilhante da liberdade e da civilisação para que oão sejamos apontados como uma horda de barbares.

Liberdade! segui vos, porque vós sois a companheiro inseparável da civilisação, sem ella não podemos levantar a voz e dizer affrontumente: somos todos igunes, porque no Brasil oão ha mais escravos.

Brazil! levantai-me de um só impulso, como um só homem, despedaçai estes grilhões que vos ensorpeçam os movimentos e

farei que ao lado da bandeira auriverde
tremule também a alva fiamula da Liberdade.

E' a nossa opinião e deve ser de todos os
Brazileiros que desejam o engrandecimento
da sua pátria.

Brazileiros! uni-vos e tireis a doros que
macula o vosso nome.

Ferenciano Mauro.

Ao meu presado amigo Braulio Louzada

Era pela hora triste da Ave-Maria.
Na terra tudo era em silêncio como se o
ruído dos trovões por ali passava.

Apenas a melancolia avesinha despedisse
a dodia que acabava, nodulando teru e cau-

O céu cobria-se de crepe, as noivas des-
sucrécias o ceruleo do ânusmento e nem
um raião de sol dourava o horizonte.

Tudo era silêncio as trevis comessão de
reinar.

O vento zunia tristemente por entre as
arvores da flor-esta, que circu dava o da
pequena villa.

Hora suave de melancolia e paz ! Ave-
Maria !

Hora em que o homem se concentre e
pede a Deos o perdão dos maus actos praticados
durante o dia ! Hora em que os remor-
vêm tribular o espírito agitado do crimino-
so.

Continúa

Recitativo

Disse o motivo porque tem teu rosto
Tanta mudança que me causa dor ? !..
Honte o sorrido, me chamaste amigo,
Hoje, fogiuado, tens de mim horror !...
Hontem me davas teu amor com aancia,
Davas-me a vida, o coração.... e alma,
Hoje, sem dó, me abandonas triste,
Sendo-me entroca, do martirio a palma.

Davas-me hontem o teu proprio sangue
Em prova senta de um leal irmão,
Hoje me calcas na' o mais vil despresso
Até te pejas de apertar-me a mão ! !.

Não vês que soffro, e que vagoeio incertos
Cactindo dôres sobre um mar de pranto
Por não saber desta mudanca e causa,
Porque te envolves em tão negromanto ? !...

Ai ! sinal me lembro I., tu não és culpada..
Eu fui um louco em te amar... eu sei.
Com amor sincero... e' o amizade tanta ..
Que eu mesmo agora te dizer não sei ! ..

A porta triste de meu lar tristonho
Sempre se abrirão para ti, amigo,
E eu minha meza... em seu negrejo leito...
Mesmo em meus braços tu achaste abrigo!

Deite delicias como mãe a um filho....
Fui carinhoso como são os pais
Fui-te um amigo estremoso sempre
Fui-te um irmão... que querias Mais ? ...

Desterra.

TIMOTHEO MAIA.

O teu sorriso

À A***

O teu sorriso menina
cheio de luz e esp'rança
é doce como uma ave
que vôle e nunca cança

QUERIDA

Adelaide querida
Eu dou-te só flores,
cachidas ido céo
lá do céo d'amores

COMO TE QUERO

Como en te quero, anjo,
como amo teu coração !

O VIGILANTE

Sim, és da terra a rainha
e do céo, flor, o—clarão !

MINCIO

Desterro

Das Quadrinhas

Charadas

A' BASILIO CELSO PRUNA

O cognome e a ave, dencontra-se nos pés, 1—2
Gira, e abverbio e o engano 1—1
Na musica não é boa a reputação 1—1

PARTE CRITICA

do Jupiter

Depurámos no n° 17 desse jornal, com uns proposícōes embocil, obra, sem dúvida, de alguma inteligência admirável ou de algum crânio bestial !

Dizia a tal allocução: «Vaga pelas ruas da cidade um animal que dá pelo nome de Vigilante.

Teve um papel na coleira com o seguinte: «Pasquineiro e difamador! Não me agarrem porque eu longarei a minha baba peçonhenta. Quem o puder pegar, se é bom gratificado levando-a à tua das casas n° 000»

Com «feito !»

Parece incrivel que em cerebros tão juvenis, ainda, já as idéias estejam tão podres, tão desmanteladas!

Ah pobres d'espíritos !

Voçês, insultando descaradamente a todos, dando paternidade a poesias que lhes não pertencem, enfim, fazendo com tudo isso os assignantes vomitar de nojo, ou assim chamar o Vigilante de — pasquim !...

A exceção de dois colaboradores, que possue esse baril de... ilustração todos os mais são crianças inexperientes, que ainda hontem soletraram o b a bd...

Entretanto, d'elles temos pena e por isso aconselhamos-lhes que devagarmente procurem os bancos escolares, porque, escrevendo tanto asneira assim, tanta cousa sem nexo, desmoralizam, não só a língua, verossimil como ao proprio opusculo onde escreve !

Alumno de portuguez.

A redacção do Jupiter

Perguntam se no autor do Pedro e seu amos significados destas palavras Pasquineiro difamador e se há na província algum jornal que mereça estas palavras, que o Sr. atribuiu no Vigilante.

Seu Vigilante é pasquineiro e difamador, permita que lhe digamos que o Sr. não passa de o o quadrinhanio, porque só de sua canchola d'ideria saiu essa espirra e desafiamos ao Sr. que venha pelo jornal dizer as significações das palavras pasquineiro e difamador; isto é sem considerar os dictórios.

Por hoje chega de reação.

Xerxes.

Visita das comadres

Dá licença comadre ?

— Bons aothos a veja ! Então comadre, a que tempo não aparece pensei que estava zangada !

— Nada comadre, estive bem doente, mas graças, às nossas mezinhas antigas, estou melhor, e vim cá somente para contar-lhe certos pratinhos, que estes rapzes tem feito.

— Minha comadre,inda não perdeu o maldito costume de lambigoia ?

Não comadre voçê bem sabe o dictado antigo. — O que berço dá, somente a tumba tira. —

— Vá lá estou prompta a ouví-la, mas primeiramente tolhe lá uma pitada do nosso antigo tigelinha.

Agora sim, minha comadre escute, não houve nenhuma algarazza ? estou ouvindo, são os malditos rapzes, olhe ali debaixo da árvore, eis no dão bordoadas, ah ! não é vada, um está munido de um sacco e um crioulo está brincando com elles, enfim feixe a porta — vemos se que serve :

Era uiva noite dessas ia eu pelo Matto-Grosso e encontrei duas crianças a brigarem uma armada de estoques e o outro a mão, o que tinha o estoque apunhalou e o outro foi derrotado, ah ! comadre nuoca andei tão ligera e antes de cinco minutos estava os Papis de Fóca, ah ! é que si consinhas bôas, um bando de meninas a correrem na rua juntas com meninos, um velho gritava breamava

mais que. Elas a cada attendiam, em fin
depois de descansar um pouco vim para a ci-
dade, e vejo um lote de moças a dizeram,
"bastaemos de continuar, temos panos para
mangas... viem a proximando-se eram os
redactores do *Jupiter*, cruzes comadre quando
fallo em *Jupiter* crepiava-me os esbellos.

— Porque comadre?

— ora porque, o Dôdô, como lhe chhamam,
que dizem, não sei é um dos redactores, quan-
do não dorme, apesar toca a alvorado, está
de pé, é um demônio, corre a cidade, vê
tudo quanto passa-se, e zaz, jornal com as
novidades.

— Mas Comadreinda não viu o outro
jornal *O Vigilante*? Já andavam juntos *Vigilante* e *Jupiter*, e o rapaz tanto fez que
vendeu-me um por 60 réis, mas comadre, é
um desaforo. Ah! nosso tempo!

— Mais como é d'zenho, o Dôdô levanta-
se tão cedo isto aqui mesmo elle dizem, bota
fogo em uma maquinha, faz café com a sua
vai direitinho a Praia de Fóra, onde tem
uma morada, que lheve devina Comadre,
o rapaz teve gosto.

— Ademira-me, a comadre é assim doente,
como anda tanto.

— Isto não é nada, ande a Comadre noite e
verá o que vai por este mundo de Deus!

— Sabe onde é a rua da Trindade?

Sei:

Em uma casa ali, eu vi uma moça a con-
versar com o namorado nos fundos.. e outra
na janella da frente, um era alto, magro,
picado de bexigas, o outro baixo uza sobretudo,
gosta de cavalos, enfim será melhor
irmos tomar café!

— Ah! está o café!

— Graças a Deus, custou mais appareceu,

— Não diga isto, antigamente quando
você vinha sempre bebiámos o café!

— Sim, mais como agora anda caro, por
isso eu já não esperava.

Agora comadre Adens éte outra vista, eu
continuarei a vir aqui mesmo para contar-
lhe certos desafors que tem se dado na Praia
de Fóra.

E o mais Adensinho, está ficando escuro
e dizem que mulheres não tem ordem de
andarem na rua fóra de horas excepto aquelas
que são as boticas.

Ao Sr. Desforragaita

Recebi as suas delicadas decimas e tenho
peus não ter talento bastante para responder
nas no pé da letra. Sóto de minha parte que
o amigo chegasse no estado de alienação!
mas o que lhe posso arranjar é uma camisola
de lona e um pouco de estopa, para ir desfi-
ando até que lhe pague esta alienação! ou en-
tão um lugar no Hospicio do Rio de Janeiro.

Declaro também que registo as suas de-
cimas e conselho que fique com elas, para
aplicar a outros da sua iguaria.

Por aqui faço ponto, e deixo que o amigo
vá gozando saúde e que fique melhor de
eus incommodos.

Sea estupido amigo
Forragaita Junior

Perfis a pena

Os leitores conhecem o nosso amigo A. L.
Se não o conhecem eis aqui o seu retrato.

É um rapaz esbelto moreno olhos bonitos,
tem também um bonito bigode, e estou qua-
zi a dizer que o seu *cavanhaque*, está em
projecto, mas segundo os telegrammas, do
Curral do Conselho, não foi aceito o proje-
cto.

O venho diariamente consultar os ro-
mances sobre o qual se simpatisou mais
foi o que tratou da *Madame de Bovari*.

Não é rapaz que se metta em pradegas, é
um rapaz serio, e parece um vovô.

E até segundo me consta que vai casar-se
com uma pequena que pode ser avó d'elle.

Traja no rigor da moda, e sens fraques
são do tempo de Luiz XXI e sua cartola, de
Luiz Felipe, seus sapatos, a Luiz XIV.

Quanto ao vistoario, tenho dicto aos le-
itores que é um rapaz de luxo. Deixo por
hoje este nosso amigo porque pretendo fazer
uma viagem a África.

O caçador Persa